

## Estudo Teórico

# Criando o indizível: a escrita ficcional como uma possibilidade de sublimação

## Creating the unspeakable: fictional writing as a possibility for sublimation

## Creando lo indecible: la escritura ficcional como una posibilidad de sublimación

Elizabeth de Jesus Santos<sup>1</sup>   
 Kátia Jane Chaves Bernardo<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Autora para correspondência. Universidade do Estado da Bahia (Salvador). Bahia, Brasil. elizasantos350@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade do Estado da Bahia (Salvador). Bahia, Brasil. katiajanebernardo@gmail.com

**RESUMO | INTRODUÇÃO:** A psicanálise e a literatura são formas privilegiadas de expressar manifestações provenientes do inconsciente, havendo entre elas uma grande proximidade. Este trabalho aborda a ligação entre psicanálise e literatura tomando como referência o conceito freudiano de sublimação. **OBJETIVO:** O objetivo dessa pesquisa foi verificar como a escrita ficcional pode ser uma possibilidade de sublimação. Para cumprir esse objetivo buscou-se discorrer sobre a escrita ficcional; apresentar o conceito de sublimação; apontar possibilidades e limites da sublimação; relacionar a escrita ficcional à sublimação. **MÉTODO:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Foi realizada uma revisão de literatura tomando-se como referência os textos freudianos que tratam da temática da pesquisa. **CONCLUSÃO:** A partir da leitura é possível constatar que a escrita ficcional pode constituir-se em uma possibilidade de sublimação para o escritor, apesar de existirem limitações da escrita como tal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise. Literatura. Sublimação.

**ABSTRACT | INTRODUCTION:** Psychoanalysis and literature are privileged ways to express manifestations from the unconscious and there is a big connection between them. In relation to that, to talk about the big similarity between these areas, it was made the choice to approach specifically about the Freudian concept of sublimation in this search. **OBJECTIVE:** The main objective was to verify how fictional writing can be a possibility for sublimation and to achieve this objective, these specific objectives were elaborated: to discourse about fictional writing; to introduce the sublimation concept; to point out possibilities and limits of sublimation; to make a relation between fictional writing and sublimation. **METHOD:** The main theoretical basis was Freudian psychoanalysis and, as a methodological strategy, an exploratory approach and a qualitative method were adopted. **CONCLUSION:** The literature review made it possible to verify that fictional writing can be a possibility for sublimation for the writer, although there are limitations in the writing as a way to sublimation.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Literature. Sublimation.

**RESUMEN | INTRODUCCIÓN:** El psicoanálisis y la literatura son formas privilegiadas de expresar manifestaciones del inconsciente, existiendo una gran proximidad entre ellas. Este trabajo aborda la conexión entre el psicoanálisis y la literatura tomando como referencia el concepto freudiano de sublimación. **OBJETIVO:** El objetivo de esta investigación fue verificar cómo la escritura ficcional puede ser una posibilidad de sublimación. Para cumplir con este objetivo, se ha buscado discurrir sobre la escritura ficcional; presentar el concepto de sublimación; señalar posibilidades y límites de la sublimación; relacionar la escritura ficticia con la sublimación. **METODOLOGÍA:** Esta es una investigación cualitativa de naturaleza exploratoria. Se realizó una revisión bibliográfica tomando como referencia los textos freudianos que tratan sobre el tema de la investigación. **CONCLUSIÓN:** A partir de la lectura es posible constatar que la escritura ficcional puede constituir una posibilidad de sublimación para el escritor, a pesar de las limitaciones de la escritura como tal.

**PALABRAS CLAVE:** Psicoanálisis. Literatura. Sublimación.

Submetido 11/03/2022, Aceito 19/09/2022, Publicado 24/10/22

Rev. Psicol. Divers. Saúde, Salvador, 2022;11:e4473

<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2022.e4473>

ISSN: 2317-3394

Editoras responsáveis: Mônica Dalto, Marilda Castelar

Como citar este artigo: Santos, E. J., & Bernardo, K. J. C. (2022). Criando o indizível: a escrita ficcional como uma possibilidade de sublimação. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 11, e4473. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2022.e4473>

*Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 11, e4473. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2022.e4473>

<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2022.e4473>



## Introdução

A escrita ficcional e a psicanálise são, de acordo com [Carvalho](#) (1997) e [Rosenbaum](#) (2012), formas privilegiadas de desvendar expressões oriundas do inconsciente, tendo como semelhança mais notável a manifestação através da linguagem, porém sem nunca dizer exatamente tudo. A linguagem, por meio da palavra, mostra-se presente nas produções dos escritores e nas falas dos pacientes a partir de seus relatos de sonhos, atos falhos e lapsos de linguagem ([Rosenbaum](#), 2012).

Para o escritor, a beleza de sua linguagem e sua trama habilidosa, fazem o leitor sentir confiança e simpatia pelo protagonista da história ([Freud](#), 1907/2015). A similitude entre psicanálise e escrita está no fato dos escritores conseguirem perceber que pensamentos e afetos dos sujeitos persistem durante o sono, dando importância aos sonhos de seus personagens, ainda que não se preocupem em dar um significado psicológico a eles. No entanto:

*Os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia. No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós, homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. ([Freud](#), 1907/2015, p. 16).*

De acordo com [Rosenbaum](#) (2012), a psicanálise e a literatura são capazes de dizer o que na vida cotidiana não somos capazes de ouvir. Um processo de análise, de acordo com [Simões](#) (2017), ocorre por meio de um relato de história, porém a autora salienta que esse relato não é cronológico, pois segue a lógica do inconsciente, tal qual a escrita. Percebe-se assim uma aproximação entre a literatura e a psicanálise. Tal proximidade, segundo [Rosenbaum](#) (2012), é ampla, e por isso, neste trabalho, foi feito um recorte a partir do conceito freudiano de sublimação.

A escrita ficcional constitui-se a partir dos elementos narrativos criados pelo escritor, com os quais desenvolve-se o enredo ([Spalding](#), 2015). Para [Freud](#) (1907/2015, 1908/2015), a partir do enredo e dos personagens construídos pelo autor, há uma busca de realizar desejos, especialmente aqueles ligados à infância.

A palavra sublimação evoca o termo sublime utilizado nas belas-artes para referir-se a uma produção que sugira a grandeza, a elevação. A sublimação também é um termo utilizado na química, designando o processo químico pelo qual um corpo passa diretamente do estado sólido ao gasoso sem intermédio do líquido ([Laplanche](#) & Pontalis, 2000).

## Metodologia

Para a construção deste trabalho foi realizada uma revisão de literatura sobre a escrita ficcional como possibilidade de sublimação, tendo essa pesquisa uma natureza qualitativa. E como tal, foca, conforme [Uchôa](#), Medeiros Júnior e Maroto (2019), no específico, no peculiar, objetivando compreender o fenômeno estudado.

Além disso, este artigo possui caráter exploratório, que segundo [Gil](#) (2008) tem como objetivo apresentar uma visão geral, aproximativa, sobre determinado fato. No caso deste estudo, discorreu-se sobre a escrita ficcional e a sublimação.

A escolha do tema partiu de um interesse pessoal pela escrita ficcional, bem como de uma vontade de entender como a escrita pode revelar um processo de sublimação do autor. Cabe também salientar que há um valor social na sublimação, pois as obras resultantes do processo sublimatório geram algum impacto na sociedade e na cultura, contribuindo para o que chamamos de civilização, pois, de acordo com [Freud](#) (1930/2010), a sublimação é uma das formas de apaziguar o sofrimento humano, sofrimento este que tem como uma de suas causas as relações entre seres humanos.

Posto isso, o presente trabalho busca responder ao seguinte questionamento: de que maneira a escrita ficcional pode servir como sublimação? O objetivo geral desta pesquisa é verificar como a escrita ficcional pode ser uma possibilidade de sublimação. Para atingir esse objetivo será necessário: a) discorrer sobre a escrita ficcional; b) apresentar o conceito de sublimação; c) apontar possibilidades e limites da sublimação; d) relacionar a escrita ficcional à sublimação.

Visando alcançar os objetivos desta pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura, a qual teve como principal referencial teórico a psicanálise freudiana, visto que o conceito de sublimação foi trabalhado a partir do proposto por Freud. Ademais, também foram utilizados, como parte do referencial teórico, artigos presentes no Google Acadêmico e que se relacionavam com os objetivos deste trabalho.

## Resultados e discussão

### Escrita Ficcional

A escrita ficcional na visão de [Spalding](#) (2015) constitui-se a partir dos elementos narrativos criados pelo escritor, com os quais é desenvolvido o enredo. Para [Freud](#) (1908/2015) a partir da escrita ficcional, o escritor, através de seus personagens e de um enredo, busca a realização de seus desejos, geralmente aqueles relacionados à infância. É interessante salientar a comparação que [Freud](#) (1908/2015) faz entre o brincar infantil e a criação literária, pois através da brincadeira a criança constrói seu próprio mundo ou adapta as coisas de seu mundo real ao seu agrado, o mesmo ocorrendo com o escritor.

[Carvalho](#) (1994) apresenta um pensamento semelhante ao colocar que a escrita procura primeiramente realizar uma recriação a partir do caos, ou seja, a escrita funciona com uma maneira de dar forma ao que não tem forma. Além disso, a autora também coloca a criação literária como uma nomeação particular de uma realidade, na maioria das vezes, caótica e desprovida de sentido.

[Freud](#) (1908/2015) aponta, ainda, que a irrealidade do mundo criado pelo escritor traz importantes consequências para a técnica artística, pois muitas coisas que na realidade não dariam prazer, podem ocasioná-lo a partir da fantasia; emoções dolorosas podem se transformar em fonte de satisfação para quem lê a obra, porque ao entrar em contato com as fantasias do escritor, o leitor libera tensões de sua própria psique, em razão de, dessa maneira, haver o desfrute de suas próprias fantasias sem recriminação ou pudor.

O mundo criado pelo escritor, muitas vezes, ultrapassa os limites da história do qual é oriundo, abrindo

espaço para a criação de outras histórias em variadas linguagens e mídias – como, por exemplo, o caso da série *Game of Thrones* que surgiu primeiro enquanto livro ([Spalding](#), 2015).

Além das histórias em mídias diversas, também é válido citar as *fanfictions*, histórias escritas por fãs de livros, séries, filmes, quadrinhos, envolvendo os personagens e cenários de uma ou mais obras já existentes. Tais criações de fãs não têm como objetivo lucro financeiro, o foco é apenas entreter a si e a outros fãs das obras em questão ([Alencar](#) & Arruda, 2017). Sendo assim, percebe-se o quão vasto pode ser o mundo construído por um escritor.

O mundo criado pelo escritor é ficcional e a ficção, de acordo com [Birman](#) (2019) possui “uma posição estratégica no discurso estético em geral e no da literatura em particular” (p. 351). [Birman](#) (2019) coloca ainda que a partir da ficcionalização há um levantamento do recalque, pois a capacidade ficcional do indivíduo é atravessada pelo desejo e pelos imperativos do gozo, porém tais formas primordiais de ser do sexual são recalçadas. Sendo assim, para [Birman](#) (2019), a psicanálise e a literatura estão no lugar de dizer o indizível. Além disso, ambas, segundo [Carvalho](#) (1997), manifestam-se pela linguagem e desvendam expressões originárias do inconsciente, ou seja, conforme nos lembra [Rosenbaum](#) (2012) é a linguagem, por meio da fala dos pacientes, dos atos falhos, relatos de sonhos e lapsos de linguagem, que permite a manifestação do inconsciente. De maneira que, como já mencionado, literatura e psicanálise possuem grande afinidade ([Rosenbaum](#), 2012).

[Carvalho](#) (1994) vê a escrita de forma semelhante a [Birman](#) (2019), pois para a autora, a escrita pode ser a consequência de um vazio ou perda, visto que ela atua especialmente como uma tentativa de expressar o não dito, este que, essencialmente, tem possibilidade de ter diversas e incessantes versões. [Carvalho](#) (1994) enfatiza ainda que a perda é estrutural, sendo inclusive algo acentuado pela psicanálise para a construção do aparelho psíquico, pois conforme [Freud](#) (1915/2010, 1920/2010), o aparelho psíquico é regulado pelo princípio do prazer, de forma que a pulsão atua como uma força constante, sempre buscando sua satisfação através dos mais diversos objetos. Logo, não há objeto capaz de garantir a satisfação plena.

Diante disso, observa-se que há sempre uma troca de objeto e o ser humano nunca renuncia a prazer algum (Freud, 1908/2015). Assim, a escrita é tida por Carvalho (1994) como uma busca por restauração, uma possibilidade de recompor uma falta, de maneira que a escrita pode suceder uma experiência de luto, tanto de uma perda concreta como de um vazio qualquer. Sendo para a autora necessário superar essa ferida constituinte ocasionada pela ausência do outro em nós, pois caso contrário ficamos inteiramente ocupados pelo outro, tomados pela angústia e sem espaço para a palavra, não havendo a distância necessária para a criação.

Para Carvalho (1994) o texto escrito não pode ser idêntico à experiência perdida, pois se assim for o indivíduo estará fazendo um sintoma. Destarte, a escrita, assim como as outras artes, origina-se do reconhecimento de que o vazio deixado nunca será preenchido completamente. Segundo Carvalho (1997) é justamente o vazio a condição básica da criação literária, por isso é necessário que ele se reinstale, pois conforme Carvalho (1994) “O que seduziu o escritor na incompletude imperfeita do mundo, acabará seduzindo também o leitor na miragem do texto literário, que aponta sempre para uma outra verdade, aludida, prometida, mas nunca inteiramente revelada pela própria trama encobridora da linguagem.” (pp. 8-9). Dessa forma há, ao mesmo tempo, êxito e fracasso na escrita, pois o escritor procura, através das palavras, enfrentar uma angústia que é precipitada pela própria linguagem (Carvalho, 1997).

O exposto por Carvalho (1997) encontra similitude com a visão de Lispector (1999) sobre o ato de escrever. Ambas colocam a escrita como uma busca interminável que, porém, de alguma forma proporciona satisfação, ou nas palavras de Lispector (1999), salvação. Diante disso, escrever

*É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. É uma salvação. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. (Lispector, 1999, p. 134).*

Apesar da escritora trazer a escrita enquanto salvação, é perceptível a compreensão dela de que essa salvação não é completa, visto que se o fosse não haveria necessidade de repetição desse processo. Lispector (1999) também mostra, de certa forma, essa compreensão acerca da incompletude da escrita ou, em suas palavras, do fracasso. Em sua crônica “Entrevista Alegre”, ao responder se a literatura compensa, Lispector (1999) coloca: “escrever é um dos modos de fracassar” (p. 49).

Ademais, Carvalho (1997) salienta que a escrita não funciona enquanto salvação do autor, visto que não é capaz de eliminar o sofrimento pessoal do artista, e se assim fosse, destruiria a escrita. Afinal, a escrita constitui uma possibilidade de sublimação e como tal não protege inteiramente o indivíduo do sofrer (Freud, 1930/2010).

Considerando o mencionado acima, nota-se a escrita como um círculo vicioso, onde por mais que se escreva, nunca se terá tido tudo, havendo então a necessidade de voltar, mais uma vez, a escrever, pois, conforme Carvalho (1997), o vazio é a condição primordial da escrita e por possuir caráter estruturante nunca é preenchido, por isso Rosenbaum (2012), ao comentar a crônica “Delicadeza”, enfatiza que o escritor não consegue alcançar completamente o seu alvo, apenas o tocando com a palavra.

A pequena crônica citada, de autoria de Clarice Lispector, mostra a percepção da artista sobre a incompletude da escrita. Nesse texto, a artista diz:

*Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem em tudo eu quero pegar. Às vezes quero apenas tocar. Depois o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos. (Lispector, 1999, p. 146).*

Desse modo, compreende-se a escrita enquanto uma tentativa, uma busca por algo nunca alcançado, ou seja, algo que sempre falta, e essa falta, segundo Simões (2017), é a condutora do sujeito na construção de sua história, estando o sujeito faltoso, procurando persistentemente algo que lhe possa trazer a completude. E nessa busca através da escrita, é perceptível a existência de alguns propósitos. Carvalho (1994) traz quatro possíveis propósitos para essa busca.

O primeiro é a eternização, pois ao escrever um livro, o escritor se immortaliza a partir dele, driblando narcisicamente a morte. Já o segundo objetivo é de onipotentemente reverter a impotência diante da realidade, pois através de seu texto o escritor poderá modificar a realidade tornando-se, por exemplo, um inseto, uma folha, um mineral.

O terceiro propósito é o de escoar uma tensão agressiva, que provavelmente parte da falta ou perda, já apontadas. Tal tensão agressiva pode se expressar, especialmente, no conto, devido a sua característica de no final fazer o leitor sentir que foi pego de surpresa. O leitor fica em suspense, sentindo a necessidade de ler de uma só vez até o fim. Essa característica do conto mostra a agressividade sublimada do escritor, pois quem lerá o conto não se sentirá atacado pelo texto ou por seu autor, porém sentirá que a leitura o fascinou por tê-lo surpreendido, dando-lhe outro desfecho diferente do que ele imaginava.

A última finalidade de um texto literário apontada por [Carvalho](#) (1994) é a de transformação de realidades externas ou internas que podem ser, na maioria das vezes, dolorosas ou decepcionantes. Portanto, a escrita se apresenta de forma semelhante ao sintoma, trazendo a realidade psíquica e histórica que constrói a subjetividade do autor. Todavia, ao contrário do sintoma de uma histérica ou de um obsessivo, a escrita não ocasionará prazer somente em quem a produz, mas também em quem lê ([Carvalho](#), 1997), em razão de, conforme referido anteriormente, ao deparar-se com as fantasias do escritor, haver no leitor a liberação de tensões de sua psique, ocorrendo o desfrute de suas fantasias sem censuras ([Freud](#), 1908/2015). Por conseguinte, o escritor torna-se um porta-voz de um mundo íntimo e de sua dor ([Carvalho](#), 1997).

Na crônica "Maria chorando ao telefone", verifica-se o exposto acima a partir do seguinte fragmento:

*O telefone toca aqui em casa, atendo, uma voz de mulher estranhíssima pergunta por mim, e antes que eu tome providências para dizer que é minha irmã que fala, ela me diz: é você mesma. O jeito foi eu ficar sendo eu própria. Mas... ela chorava? ou o quê? Pois a voz era claramente de choro contido. "Porque você escreveu dizendo que não ia mais escrever romances."*

*"Não se preocupe, meu bem, talvez eu escreva mais uns dois ou três, mas é preciso saber parar".*

([Lispector](#), 1999, p. 78).

A partir disso, percebe-se a importância da linguagem e das palavras, pois palavras podem nos dar segurança, comover, enfurecer, entristecer ([Carvalho](#), 1997). Sendo assim, a neurose obsessiva e a histeria são capazes de mostrar a forma como uma subjetividade é construída tentando, de alguma forma, fugir do desejo expressado através da linguagem ([Carvalho](#), 1997).

## A Sublimação

Antes de apresentar a escrita ficcional como possibilidade de sublimação é necessário discorrer sobre esse conceito. [Freud](#) (1915/2010) define quatro destinos possíveis para a pulsão: 1- Reversão ao seu oposto, que é desdobrado a partir de duas operações: mudança da atividade para a passividade e reversão de seu conteúdo; 2- Retorno ao próprio eu; 3- Recalque; e 4- Sublimação.

De acordo com [Freud](#) (1905/2016), a sublimação aparece pela primeira vez no período de latência. Nesse período, as forças pulsionais sexuais vão para alvos não sexuais e ao fazer esse desvio de finalidade pulsional, adquire-se fortes componentes para as realizações culturais. Isso também se mostrará presente na vida adulta. [Freud](#) (1910/2013) salienta que muitos indivíduos conseguem deslocar suas pulsões sexuais para atividades laborais.

[Freud](#) (1905/2016, 1910/2013) ao discorrer sobre a pesquisa sexual infantil mostra que esta posteriormente poderá dar lugar à sublimação. Essa pesquisa corresponde ao momento no qual uma criança motivada pelo nascimento, real ou temido, de um irmão começa a questionar de onde vêm os bebês. Caso esse período de investigação sexual infantil seja findado de forma repressora, essa pulsão de saber, presente na pesquisa sexual infantil, pode tomar três caminhos ([Freud](#), 1910/2013). No primeiro, caracterizado pela inibição neurótica, pesquisa e sexualidade têm o mesmo destino. O desejo de saber continua inibido e a livre atividade da inteligência pode ficar limitada por toda a vida ([Freud](#), 1910/2013).

Concernente à segunda possibilidade, marcada pela compulsão neurótica ao pensamento, o desenvolvimento intelectual é mais forte que a repressão sexual. Findado o período da pesquisa sexual infantil, a inteligência é fortalecida e ajuda a superar a repressão sexual. Destarte, a pesquisa sexual infantil suprimida retorna como uma ruminação compulsiva

e os pensamentos terão um lugar de satisfação sexual. Todavia, assim como a pesquisa infantil sexual, tais pensamentos possuem um caráter interminável e a desejada sensação intelectual de achar uma solução sempre se afasta (Freud, 1910/2013).

Referente ao terceiro caminho, tido por Freud (1910/2013) como o mais raro e perfeito, a repressão sexual está presente, entretanto ela não consegue afastar do inconsciente uma pulsão parcial do prazer sexual. Ao invés disso, a libido se esquivava da repressão, sublimando-se em ânsia pelo saber, juntando-se à pulsão de saber, reforçando-a.

Freud (1910/2013), ao analisar a vida de Leonardo da Vinci, coloca que este último caminho, provavelmente, foi o ocorrido com o artista. Aqui supõe-se que, de alguma forma, a pulsão de saber de todos os artistas toma esse caminho, devido ao potencial sublimatório da arte.

Tendo isso em mente, faz-se necessário discorrer acerca da pulsão, em razão de a sublimação ser, como citado anteriormente, um dos possíveis destinos pulsionais. É a partir da discussão sobre a sexualidade infantil que Freud (1905/2016) delinea o conceito de pulsão. A pulsão é tida como o representante psíquico dos estímulos originados no interior do corpo, que atingem a alma como uma medida do trabalho imposto à psique devido a sua ligação com o corpo. Toda pulsão possui as seguintes características: uma fonte, isto é, uma zona erógena; uma carga, ou seja, uma intensidade da energia; um objeto para o qual é direcionada e uma finalidade que é sempre a satisfação (Freud, 1915/2010).

Desde o seu início, a teoria freudiana das pulsões foi marcada por uma contraposição das pulsões sexuais a outras pulsões. Primeiro é apresentado o dualismo com as pulsões de autoconservação ou do ego, porém essa visão é tida apenas como uma construção auxiliar, que deveria ser mantida enquanto fosse útil (Freud, 1915/2010). Posteriormente, a compreensão de pulsão é modificada e Freud (1920/2010) passa a descrever um novo dualismo: as pulsões de vida e de morte.

A pulsão de vida engloba as pulsões sexuais e de autoconservação. O dualismo entre elas não deixa de existir, porém ambas funcionam de forma oposta à pulsão de morte, pois enquanto a pulsão de vida possui correspondência com Eros, buscando manter unido tudo o que vive, a pulsão de morte age de forma

contrária, objetivando um retorno ao estado inorgânico (Freud, 1920/2010).

Dito isso é válido lembrar que, conforme referido anteriormente, toda pulsão, seja uma pulsão de vida ou de morte, visa uma satisfação (Freud, 1915/2010, 1920/2010). Isso tem relação com o fato do curso dos processos psíquicos serem regulados automaticamente pelo princípio do prazer, ou seja, tal princípio é sempre incitado por uma tensão desprazerosa e direcionada de forma que o seu resultado final coincida com um abaixamento da tensão, havendo assim uma evitação do desprazer ou uma geração do prazer. No entanto, apesar da tendência ao princípio do prazer, não é possível experimentar prazer o tempo inteiro, devido à dinâmica do aparelho psíquico (Freud, 1920/2010).

Sendo assim, percebe-se uma busca humana constante pelo prazer, pela felicidade. Todavia, é necessário ter em mente que a felicidade buscada pelo princípio do prazer é irrealizável, porém não conseguimos deixar de tentar tornar um pouco menos distante a sua concretização (Freud, 1930/2010).

De acordo com Freud (1930/2010) o sofrimento que ameaça os seres humanos é advindo de três fontes: o próprio corpo, que é fadado ao declínio e à dissolução, por isso não pode dispensar a dor e o medo como sinais de advertência; o mundo externo que pode se abater sobre o sujeito com forças destruidoras, e, por último, as relações com os outros indivíduos, que podem ser fontes de conflitos.

Freud (1930/2010) também discute sobre a ideia de a civilização ser causa de sofrimento ao ser humano e o retorno a um estado anterior a ela poderia resultar em felicidade. Entretanto, ele chega à conclusão de que a felicidade humana não está subordinada unicamente aos progressos civilizatórios e às tecnologias advindas deles, pois de acordo com o autor, apesar de não nos sentirmos bem na atual civilização é difícil dizer se as pessoas de épocas anteriores eram mais felizes e de que maneira as condições culturais tiveram alguma influência nessa felicidade.

A partir disso, são trazidas por Freud (1930/2010) algumas formas utilizadas pelos indivíduos para apaziguar o sofrimento: a intoxicação; o domínio das necessidades internas; as ilusões; o escapismo do mundo tal como faz o eremita; o amar e ser amado; o gozo através da beleza, em qualquer uma das suas manifestações e a sublimação.

Referente à intoxicação, [Freud](#) (1930/2010) coloca que algumas substâncias externas ao corpo, quando chegam ao sangue e aos tecidos, provocam instantaneamente prazer e os estímulos desprazerosos se tornam imperceptíveis para o sujeito. Tais substâncias são capazes de diminuir a pressão da realidade e proporcionam ao indivíduo a possibilidade de se refugiar em um mundo próprio. [Freud](#) (1930/2010) ressalta que esse é justamente o perigo dos entorpecentes, pois muitas vezes eles têm a culpa do grande desperdício de energia que poderia ser utilizada em prol de algo benéfico para a humanidade.

Em relação ao domínio das necessidades internas é preciso levar em conta que a satisfação das pulsões é sinônimo de felicidade. Logo, a impossibilidade de tal satisfação, devido a causas do mundo exterior, nos leva ao sofrimento. Sendo assim, a tentativa de aniquilar as pulsões ou o empenho em administrá-las, atuaria como uma forma de afastar o sofrimento, pois se não existe pulsão para ser saciada, também não há, teoricamente, sofrimento. Tal forma de lidar com as pulsões acarreta uma diminuição da possibilidade de satisfação, em razão da felicidade em satisfazer uma pulsão não domada pelo ego ser incomparavelmente mais forte do que ao saciar uma pulsão domesticada pelo ego ([Freud](#), 1930/2010).

Sobre as ilusões, [Freud](#) (1930/2010) pontua que o sujeito que as cria reconhece-as como tal e a discrepância entre elas e o mundo real não impede a satisfação. Para [Freud](#) (1930/2010) as ilusões estão relacionadas à fantasia, e, entre as formas de satisfação ligadas a ela, as obras de arte são destacadas, pois estas podem, através do artista, permitir satisfação aos que não são capazes de produzir arte. No entanto, a arte consegue apenas produzir um rápido alheamento dos sofrimentos cotidianos, não conseguindo fazer esquecer o sofrimento ([Freud](#), 1930/2010).

Já o eremita vê a realidade como única inimiga e fonte de todo sofrimento, por isso, há a busca em romper laços com ela para assim, de alguma forma, alcançar a felicidade. O eremita pode também querer refazer o mundo no qual vive, construindo outro em seu lugar, substituindo os aspectos tidos como insuportáveis por outros, de acordo com o seu desejo. Todavia, quem utiliza deste caminho para buscar a felicidade não alcança nada. Torna-se um louco, que, na maioria das vezes, não encontra quem lhe auxilie na realização de seu delírio ([Freud](#) 1930/2010).

Conforme [Freud](#) (1930/2010), ao buscar a satisfação no amar e ser amado, o indivíduo se satisfaz a partir de processos psíquicos internos, mas sem se afastar do mundo exterior. A felicidade está na relação afetiva com os seus objetos de amor. [Freud](#) (1930/2010) salienta ainda que tal atitude psíquica é familiar a todos os seres humanos, pois uma das maneiras de manifestação do amor, o amor sexual, proporciona uma sensação de prazer avassaladora, dando um modelo para a busca da felicidade. Logo, é natural a insistência em buscar tal sensação onde ela foi encontrada primeiro, porém, o autor evidencia a fragilidade dessa técnica ao colocar que o amor, na realidade não fornece proteção diante do sofrimento, pois ao amar estamos mais desprotegidos do que nunca e diante da perda do objeto de amor nos encontramos desamparados e infelizes.

Em relação ao gozo na beleza, em qualquer uma de suas demonstrações, [Freud](#) (1930/2010) coloca que essa tentativa de apaziguar o sofrimento não oferece muita proteção contra o sofrer, mas compensa muitas coisas. Não há uma utilidade explícita na beleza, tampouco uma evidente necessidade cultural para ela, porém a civilização não pode dispensá-la ([Freud](#), 1930/2010).

No referente ao tema central do presente artigo, a sublimação, [Freud](#) (1930/2010) a coloca como um deslocamento no qual a finalidade da pulsão muda de tal forma que ela não é atingida pela frustração causada pelo contato com o mundo externo. Destarte, a satisfação se dará a partir de processos internos, o que se observa, por exemplo, na escrita ficcional, que é uma possibilidade de sublimação. Cabe, então, trazer qual a visão da psicanálise freudiana sobre a escrita ficcional, a criação literária.

[Freud](#) (1908/2015) compara a criação literária ao devaneio e à brincadeira infantil, pois quando o indivíduo para de brincar, aparentemente, ele está renunciando ao ganho de prazer obtido através da brincadeira. Todavia, [Freud](#) (1908/2015) chama atenção para a dificuldade humana de renunciar ao prazer já experimentado. Para ele, na realidade, nós nunca abdicamos a prazer algum, o que há é uma troca de objeto e a suposta renúncia é na verdade uma formação substitutiva ou um sucedâneo. Dessa forma, ao parar de brincar, a pessoa passa a fantasiar, a devanear.

Em grande parte dos romances, segundo [Freud](#) (1908/2015), percebe-se nitidamente a busca do escritor para, a partir de sua obra, realizar desejos, visto que o devaneio e o sonho cumprem o papel de realizar desejos inconscientes apontando, ainda, que a maioria desses desejos possuem um caráter infantil, pois o devaneio é um substituto e prosseguimento da brincadeira. Assim, percebe-se na criação literária a presença de, respectivamente, presente, passado e futuro. Dessa forma, uma vivência atual desperta no escritor a lembrança de algo anterior, geralmente da infância, da qual vem o desejo a ser realizado a partir de sua obra.

Nessa perspectiva, percebe-se a criação literária funcionando como uma forma de deslocamento, pois o desejo não realizado anteriormente busca sua realização a partir da escrita ficcional, ou seja, atuando como uma sublimação. [Freud](#) (1930/2010) coloca ainda que o melhor resultado da sublimação é obtido quando o ganho de prazer é elevado suficientemente através das fontes de trabalho psíquico e intelectual. Dessa maneira, para [Freud](#) (1930/2010) “a satisfação desse gênero, como a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, tem uma qualidade especial, que um dia poderemos caracterizar metapsicologicamente,” (p. 24).

A sublimação, assim como as outras formas de apaziguar o sofrimento já apresentadas, possui limites. De acordo com [Freud](#) (1930/2010) poucos têm acesso à sublimação. Ele pressupõe talentos e disposições especiais, os quais não se acham presentes em medida eficaz para todos os sujeitos. Sendo assim, poucas pessoas poderiam ter acesso à possibilidade de sublimar suas pulsões. No entanto, o autor salienta que mesmo para esses poucos não haveria a total proteção do sofrimento, pois a sublimação geralmente falha quando o próprio corpo é a fonte do sofrimento.

[Freud](#) (1912/2010) supõe que o adoecimento de alguns neuróticos é justamente pelo fato destes não serem capazes de sublimar suas pulsões. No entanto, ele também coloca que a tentativa de realizar uma sublimação além da permitida pela organização do sujeito pode ser prejudicial à saúde, pois ao pressionar demais o indivíduo para o caminho da sublimação, retirando as satisfações de pulsões mais imediatas, a vida desse sujeito pode acabar se tornando ainda mais difícil do que ele a sente. Além disso, para [Freud](#) (1912/2010), nos sujeitos capacitados para a sublimação esta ocorre de forma espontânea.

Segundo [Freud](#) (1923/2010), na sublimação o ego transforma a libido objetal em libido narcísica, ocorrendo então uma dessexualização da libido. Essa libido deslocada está a serviço do princípio do prazer, ou seja, está buscando satisfação, mesmo tendo se desviado do seu alvo inicial. Logo, ao dessexualizar a libido vinda do id, o ego vai de encontro à pulsão de vida, que busca manter a unidade característica do ego.

Para [Freud](#) (1923/2010) como consequência da sublimação há uma disjunção pulsional e a liberação das pulsões agressivas no superego, visto que as pulsões de vida, são, aparentemente, mais deslocáveis que as de morte. Assim, percebe-se que nesse processo de dessexualização o ego expõe-se a perigos de maus-tratos e morte, pois a pulsão de morte foi desfusionada da de vida, tendo a pulsão de vida sido sublimada, enquanto que a de morte não. Diante disso, nota-se que, no ato de sua criação, o artista está, também, em contato com o seu sofrimento.

A partir disso retoma-se o aqui já apresentado: a sublimação não protege inteiramente o indivíduo do sofrimento ([Freud](#), 1930/2010). [Carvalho](#) (2006) ao discorrer sobre esse conceito freudiano, leva em conta os limites da sublimação, citando escritores, alguns inclusive que colocavam a escrita como tendo potencial organizador, que se suicidaram durante um período de intensa produtividade literária.

[Carvalho](#) (2006) ao analisar a escrita de Paul Celan, Anne Sexton, Sylvia Plath e Ana Cristina Cesar, todos autores suicidas, observa que a escrita deles parece alterar-se em uma escrita sem finalidade, havendo um mergulho, sem nenhuma proteção, na fonte do sofrimento e uma escrita com finalidade mais defensiva e distanciada.

Diante disso, apesar da escrita apresentar-se como um esforço de lidar com o sofrimento, o suicídio do escritor nos mostra que quando há fortes impulsos autodestrutivos, esse recurso acaba sendo insatisfatório ([Carvalho](#), 2006).

Sendo assim, de acordo com [Carvalho](#) (2006), a escrita possui um lado benéfico, mas também um lado prejudicial. A partir disso, nota-se que não é possível colocar a escrita, ou outra forma de sublimação, no lugar de salvação do indivíduo. Contudo, apesar dos evidentes limites, a sublimação, através da escrita ficcional, ou por outro meio, possui também a sua relevância.



## Escrita Ficcional e Sublimação: Qual a Relação?

Levando em conta o já exposto, cabe retomar alguns pontos apresentados. Ademais, também serão abordadas algumas falas de Clarice Lispector em entrevista concedida a Júlio Lerner em 1977 e postada no canal do *Youtube* da TV Cultura em 2013, sendo também destacados trechos de crônicas da escritora, presentes no livro *A descoberta do mundo*.

Cabe ressaltar que não há o propósito de analisar o apresentado pela escritora na entrevista ou nos fragmentos de textos dela, tampouco realizar uma análise psicológica da vida e/ou obra dela. Objetiva-se apenas utilizar a entrevista e os trechos das crônicas para ilustrar possíveis relações entre escrita ficcional e sublimação.

[Carvalho](#) (1997) traz o vazio como a condição básica para a criação literária, havendo então a necessidade de sua reinstalação no sujeito. [Lispector](#) (1977) pontua que os períodos entre um trabalho e outro eram duros, mas necessários para haver um esvaziamento da cabeça e para que outra obra pudesse nascer. Com essa fala é perceptível o êxito e fracasso simultâneos da escrita, aqui já apresentados a partir de [Carvalho](#) (1997).

Concernente aos quatro propósitos da escrita, colocados por [Carvalho](#) (1994), é notável que todos relacionam-se diretamente com a sublimação, pois ao tentar driblar narcisicamente a morte, por meio de sua obra, infere-se que o autor está, provavelmente, buscando uma forma de lidar com a angústia e o medo decorrentes da sua finitude corpórea. Acerca disso, cabe também trazer o pontuado por [Lispector](#) (1977), quando ela diz “eu acho que quando eu não escrevo eu tô morta”. Dessa forma, percebe-se que a escrita para além de ser uma forma de tentativa de imortalização do autor é também uma forma de viver e dar sentido à vida.

Quando há o propósito de onipotentemente reverter a impotência frente à realidade, observa-se uma busca em lidar com a frustração gerada por essa impotência. Já no terceiro propósito, no qual há o escopo de escoar uma tensão agressiva, é nítida a presença da sublimação, visto que através de uma atividade socialmente aceita objetiva-se deslocar a agressividade.

A escrita, enquanto sublimação, constitui-se, conforme já apresentado através de [Freud](#) (1915/2010), como um dos destinos pulsionais, destino no qual busca-se deslocar a pulsão para uma atividade artística. Tal deslocamento é visível quando [Lispector](#) (1999) destaca “O que é que se tornou importante para mim? No entanto, o que quer que seja, é através da literatura que poderá talvez se manifestar” (p. 107). Logo, a partir dessa colocação, infere-se que para a artista a escrita era uma possibilidade de manifestar, inclusive a agressividade, que talvez não fosse possível demonstrar por outra via.

A partir da última finalidade da escrita trazida por [Carvalho](#) (1994), percebe-se que ao buscar transformar a sua realidade interna ou externa, o escritor está criando um mundo, ou seja, fazendo de sua escrita, conforme [Freud](#) (1908/2015), um sucedâneo da brincadeira infantil e dessa forma está obtendo satisfação por uma via substitutiva.

[Lispector](#) (1977) cita o texto “Mineirinho”, que, segundo ela, era, juntamente com o conto “O Ovo e a Galinha”, um dos seus favoritos. Ao discorrer sobre “Mineirinho”, texto que conforme apresentado no trabalho de [Rosenbaum](#) (2010) foi inspirado por um acontecimento real, nota-se certa revolta acerca da situação descrita na história, pois Mineirinho “morreu com treze balas, quando uma só bastava. (...) O resto era vontade de matar” ([Lispector](#), 1977). [Rosenbaum](#) (2010), ao comentar brevemente a entrevista cedida por Clarice, coloca esse resto, apontado pela escritora, como possível combustível para a escrita de Lispector.

Ao ser questionada como a sua obra, em especial o “Mineirinho”, poderia alterar a ordem das coisas, Clarice responde não esperar que suas obras alterem nada, pois para ela a escrita não teria esse papel. De acordo com a escritora, ao escrever não se está querendo alterar nada, mas sim “querendo desabrochar de um modo ou de outro” ([Lispector](#), 1977).

Levando em conta o já dito sobre a sublimação e entendendo o desabrochar citado como uma transformação, observa-se que através da escrita Clarice buscava, de alguma forma, uma transformação de suas pulsões, ou melhor dizendo, uma sublimação de suas pulsões. Cabe lembrar que a sublimação é, conforme [Freud](#) (1923/2010), a transformação, feita pelo ego, da libido objetual em libido narcísica, havendo assim uma dessexualização da libido.

[Carvalho](#) (2006) ao discorrer sobre os limites da sublimação cita a escrita de autores suicidas que era intercalada por uma escrita sem finalidade, havendo um mergulho, sem nenhuma proteção na fonte do sofrimento e uma escrita com finalidade mais defensiva e distanciada. Clarice ao ser questionada sobre a frequência de sua produção, responde “tem períodos de produzir intensamente e tem períodos hiatos, em que a vida fica intolerável” ([Lispector](#), 1977). Ela coloca ainda que os hiatos podem ser longos e que vegeta [*sic*] nesse período “ou então para me salvar, me lanço logo em outra coisa, por exemplo, acabei a novela, tô meio oca. Então tô fazendo história pra criança” ([Lispector](#), 1977).

Sendo assim, percebe-se a partir dessa fala um limite da sublimação, assim como sinalizado por [Carvalho](#) (2006). É válido ressaltar que Clarice Lispector não foi uma escritora suicida, porém de acordo com [Simões](#) (2017), a partir da análise das biografias da autora, nota-se traços de melancolia e uma depressão persistente. Isso pode explicar a similitude da forma de produção da autora com escritores suicidas. [Simões](#) (2017) refere-se ainda à escrita de Clarice como uma forma de lidar com os momentos de forte sofrimento.

Para a artista escrever livros infantis era fácil, pois ela se considerava maternal, mas ao escrever para adultos, achava difícil, porque nesses livros estava, segundo ela, se comunicando com o mais secreto de si mesma. A escritora ainda define o adulto como triste e solitário, enquanto, para ela, a criança é solta, tem fantasia. Através dessa pontuação, infere-se que ao entrar em contato com o nomeado por ela como o mais secreto de si, provavelmente ocorria, conforme [Freud](#) (1923/2010), uma disjunção pulsional, e a artista, ao criar, via-se diante do próprio sofrimento.

[Carvalho](#) (2006) salienta que Virginia Woolf alternava entre a escrita de livros carregados de experiência pessoal e livros denominados por Woolf como livros de férias. Observa-se que os livros de férias de Clarice Lispector eram voltados para o público infantil e supõe-se que a partir dessa escrita mais distanciada, havia uma busca em se afastar do sofrimento ao qual

era exposta para poder criar suas obras voltadas para o público adulto.

Na crônica “O grito”, [Lispector](#) (1999) afirma “não vou escrever mais livros. Porque se escrevesse diria minhas verdades tão duras que seriam difíceis de serem suportadas por mim e pelos outros” (p. 71). A partir dessa pontuação da escritora observa-se a disjunção pulsional citada acima e nota-se, mais uma vez, a percepção da autora acerca do contato com o sofrimento necessário para que haja a criação.

Dito isso, percebe-se a forma pela qual escrita ficcional e sublimação relacionam-se e, de acordo com o já apresentado, a escrita é uma possibilidade de sublimação, apesar de, assim como em outras formas de sublimação, existirem limites, não sendo possível livrar o sujeito completamente do seu sofrimento.

Destarte, também é válido ressaltar que nenhuma das formas citadas por [Freud](#) (1930/2010) são capazes de afastar completamente o ser humano do sofrimento, todas elas possuem limitações. Ademais, [Freud](#) (1920/2010) nos lembra que devido à dinâmica do aparelho psíquico, mesmo havendo uma tendência ao princípio do prazer, é impossível sentir prazer o tempo inteiro.

## Conclusão

Ao longo do presente trabalho debateu-se sobre escrita ficcional e psicanálise, especificamente no referente à sublimação a partir do trazido por Freud, devido à questão norteadora desta pesquisa ter sido acerca de como a escrita ficcional pode ser uma possibilidade de sublimação.

Considerando o aqui explicitado, percebeu-se que a escrita pode se constituir enquanto forma de sublimação. Assim, tendo como base [Freud](#) (1908/2015) é possível apontar o lado benéfico da escrita, pois ela possibilita ao escritor a realização de seus desejos, proporcionando prazer por meio de uma via substitutiva.

Ademais, de acordo com [Carvalho](#) (2006) a escrita promove, muitas vezes, uma forma para que o autor lide com suas frustrações e sentimentos de hostilidade. Sendo assim, mais uma vez, é perceptível o potencial sublimatório da escrita e a sua relevância para o escritor e para a sociedade de maneira geral, pois o leitor de uma obra também pode obter satisfação a partir dela ([Freud](#), 1908/2015; [Carvalho](#), 1997).

É válido lembrar que a sublimação não protege inteiramente o indivíduo do sofrer ([Freud](#), 1930/2010). [Carvalho](#) (2006) apresenta esse limite da sublimação ao apontar escritores que cometeram suicídio. Destarte, foi possível verificar que a escrita, ou qualquer outra forma de sublimação, não será capaz de dar conta de apaziguar todo o sofrimento de um indivíduo. Inclusive é apontado por [Freud](#) (1912/2010) que um sujeito pode adoecer caso tente sublimar mais do que sua organização permite.

Posto isso, entende-se que os objetivos aqui propostos foram cumpridos. Sendo notório o potencial da escrita enquanto sublimação, bem como a relação entre escrita e sublimação, apesar dos limites expostos. Em relação a tais limitações, pensa-se que estas podem vir a ser objeto de pesquisas futuras, as quais poderão, de forma mais aprofundada, apresentar uma discussão sobre esse tema. Além disso, trabalhos que versem sobre os efeitos da obra literária no leitor também podem ser relevantes, assim como os que incluam a perspectiva lacaniana no tocante à sublimação. Portanto, cabe pontuar a grande ligação existente entre literatura e psicanálise ([Rosenbaum](#), 2012). Em vista disso, não seria possível desenvolver todos os aspectos dessa conexão no presente trabalho.

### Contribuições das autoras

Santos, E. J. participou da concepção, seleção de referencial teórico e redação do artigo. Bernardo, K. J. C. participou da seleção de referencial teórico, revisão crítica do texto e aprovação da versão final a ser publicada.

### Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

### Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [EBSCO](#), [DOAJ](#) e [LILACS](#).

EBSCO

DOAJ

LILACS

### Referências

- Alencar, D. A., & Arruda, M. I. M. (2017). Fanfiction: uma escrita criativa na web. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 22(2), 88-103. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2760>
- Birman, J. (2019). A ficção e a fantasia. In J. Birman, *Cartografias do avesso* (pp. 348-353). Civilização Brasileira.
- Carvalho, A. C. (1994). O processo de criação na produção literária: um depoimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 14(1), 4-9. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/FW5fgjB79ZRQBrvfjgnYczd/?format=pdf&lang=pt>
- Carvalho, A. C. (1997). Escrita: remédio ou veneno? *Percurso: Revista de Psicanálise*, 18, 79-86. <https://pt.scribd.com/document/354976889/Escrita-Remedio-Ou-Veneno>
- Carvalho, A. C. de. (2006). Limites da sublimação na criação literária. *Estudos de Psicanálise*, (29), 15-24. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372006000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100004&lng=pt&tlng=pt)

- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)* (pp. 13-172). (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1905).
- Freud, S. (2015). O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In S. Freud, *O delírio e o sonho na Gradiva e outros textos (1906-1909)* (pp. 13-122). (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1907).
- Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. In S. Freud, *O delírio e o sonho na Gradiva e outros textos (1906-1909)* (pp. 325-338). (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1908).
- Freud, S. (2013). Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci. In S. Freud, *Observações sobre um Caso de Neurose Obsessiva ["O Homem dos Ratos"], Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci e Outros Textos (1909-1910)* (pp 86-165). (P. C. Souza, Trad.) Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1910).
- Freud, S. (2010). Recomendações ao Médico que Pratica a Psicanálise. In S. Freud, *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia ("O Caso Schreber"), Artigos Sobre Técnica e Outros Textos (1911-1913)* (pp. 111-122). (P. C. Souza, Trad.) Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010). Os Instintos e seus Destinos. In S. Freud, *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916)* (pp. 38-60). (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, *História de Uma Neurose Infantil ("O Homem Dos Lobos"), Além do Princípio do Prazer e Outros Textos (1917-1920)* (pp. 120-178). (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). O Eu e o Id. In S. Freud, *O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros Textos (1923-1925)* (pp. 9-64). (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1923).
- Freud, S. (2010). O Mal-Estar na Civilização. In S. Freud, *O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936)* (pp. 120-178) (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras (Texto original publicado em 1930).
- Gil, A. C. (2008). Pesquisa Social. In A. C. Gil, *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6a. ed.) (p. 27). Atlas.
- Gil, A. C. (2008). Delineamento da Pesquisa. In A. C. Gil, *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6a. ed.) (p. 50). Atlas.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. L. (2000). *Vocabulário de Psicanálise*. (4a. ed.). Martins Fontes.
- Lispector, C. (1977). *Panorama com Clarice Lispector / Entrevistada por Júlio Lerner*. <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>
- Lispector, C. (1999). *A descoberta do mundo*. Rocco. (Texto original publicado em 1984).
- Rosenbaum, Y. (2010). *A ética na literatura: leitura de "Mineirinho", de Clarice Lispector*. Estudos Avançados, 24(69), 169-182. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000200011>
- Rosenbaum, Y. (2012). Literatura e psicanálise: reflexões. *Revista Fronteiras*, 0(9), 225-234. <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiras/article/view/13039/9539>
- Simões, R. B. S. (2017). Psicanálise e literatura - O texto como sintoma. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 6(11), 159-179. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972017000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972017000200009&lng=pt&tlng=pt)
- Spalding, M. (2015). *A importância do Universo Ficcional na produção de um texto ficcional*. Curso Metamorfose. <http://www.cursosdeescrita.com.br/4832/a-importancia-do-universo-ficcional-na-producao-de-um-texto-ficcional>
- Uchôa, A. C., Medeiros Júnior, A., & Maroto, R. (2019). Pesquisa Qualitativa. In E. L. Souza, C. O. Lyra, N. D. L. Costa, P. M. Rocha, & A. C. Uchôa (Orgs.). *Metodologia da pesquisa: aplicabilidade em trabalhos científicos na área da saúde*. (2a. ed.) (p. 224). Editora da UFRN.